

INTELIGIBILIDADE FONOLÓGICA DE APRENDIZES BRASILEIROS DE INGLÊS: CONTRIBUIÇÕES DE ASSISTENTES DE ENSINO AMERICANOS

ARTHUR GARCIA NOGUEIRA¹; ANNA JULIA KARINI MARTINS²; LETICIA STANDER FARIAS³

¹Universidade Federal de Pelotas – arthurnog@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – annajuliakarini@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – leticiastander@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, tanto professores quanto aprendizes de inglês como língua estrangeira estão cada vez mais desvincilhando-se da ideia de uma pronúncia próxima a de um falante nativo como objetivo. O fato deve-se ao crescimento do uso da língua para comunicação internacional, o que acaba por refletir na busca por uma pronúncia clara e compreensível em interações com falantes do idioma, seja esse interlocutor um falante nativo ou não. O que se procura, então, é um pronúncia confortavelmente inteligível (ABERCROMBIE, 1956)¹.

Para o termo inteligibilidade, adotamos a definição de Derwing e Munro (1995, p.291), que a caracterizam como “o quanto uma produção é efetivamente entendida”². Dessa forma, inteligibilidade diz respeito ao fato de uma produção oral ser ou não entendida corretamente (conforme a intenção do falante) pelo ouvinte (falante nativo ou não nativo da língua em questão).

Levando em consideração essas questões, o presente estudo visa a expor a colaboração de vinte *English Teaching Assistants*³ (ETAs) americanos, vinculados ao programa Idiomas sem Fronteiras (IsF) do Ministério da Educação (MEC), acerca dos desvios de pronúncia que afetam a inteligibilidade em interações com falantes brasileiros de inglês nas cinco regiões do Brasil (sul, sudeste, centro-oeste, norte e nordeste).

2. METODOLOGIA

A coleta de dados foi realizada através de um formulário *online*, com questões discursivas e de múltipla escolha, respondido por 22 ETAs residentes nas diferentes regiões do Brasil. Ao responderem o questionário, os assistentes de ensino deveriam indicar (1) o seu tempo de contato com a língua portuguesa; (2) o seu conhecimento de outras línguas estrangeiras; (3) as suas experiências prévias com o ensino da língua inglesa para estrangeiros e (4) os desvios de pronúncia na fala dos brasileiros que prejudicam o fluxo de uma interação como, por exemplo, acentuação, intonação, sons vocálicos e sons consonantais.

¹ Termo utilizado por Abercrombie (1956), que define “confortavelmente inteligível” como uma pronúncia possível de ser entendida sem muito esforço.

² “the extent to which an utterance is actually understood”.

³ Assistentes de ensino de língua inglesa.

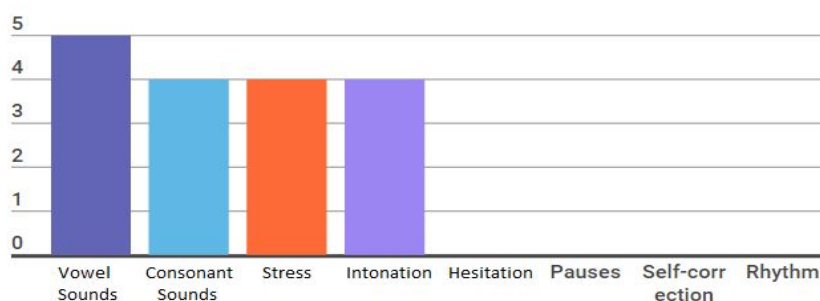
Para a análise dos dados, os informantes foram separados em três grupos: GRUPO 1 - composto por 5 americanos falantes de português e de espanhol como língua estrangeira; GRUPO 2 - composto por 13 americanos falantes de espanhol como língua estrangeira e GRUPO 3 - composto por 2 americanos falantes de português como língua estrangeira. Apenas 2 dos 22 informantes não foram considerados na análise por não se encaixarem em nenhum dos grupos.

Os dados obtidos foram organizados e categorizados a fim de que pudessemos identificar os desvios de pronúncia que mais prejudicaram a interação em língua inglesa entre os assistentes de ensino e os estudantes brasileiros durante os primeiros meses de estadia dos americanos no Brasil. A seguir são apresentados os resultados de nossa análise.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos no formulário *online* foram organizados de acordo com os 3 diferentes grupos e são apresentados a seguir. As respostas para a pergunta “existe algum som ou palavra em inglês que você geralmente não entende ao conversar com brasileiros? Podes explicar e dar exemplos?” são apresentadas nos gráficos, seguidos dos exemplos fornecidos pelos informantes.

Gráfico 1: Assistentes de Ensino Americanos falantes de português e de espanhol como língua estrangeira

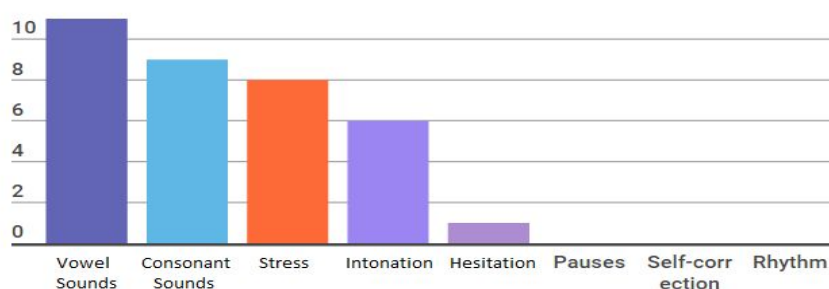


Quando solicitados a exemplificar situações em que as interações em língua inglesa com aprendizes brasileiros foi prejudicada e/ou impedida por desvios fonológicos, a maioria dos informantes apontou exemplos em que tiveram dificuldade de compreensão de *sons consonantais*. O fonema /t/ em posição final de palavra foi apontado em dois dos três depoimentos dados. De acordo com um dos informantes, o que prejudicou a compreensão foi a inserção inadequada de um som vocálico após a consoante final, como em *heart*[i]. Acredita-se ainda a plosiva final /t/ tenha sido pronunciada como a africada /tʃ/ em algumas regiões do país afetando também o grau de inteligibilidade. Outro exemplo de desvio é a produção inadequada da fricativa dental desvozeada /θ/, como em *think* [f] e *thursday* [f]. De acordo com Zimmer e Alves (2006), os brasileiros tendem a substituir essa fricativa por segmentos como /t/, /d/, /s/ ou /f/, exatamente como apontado aqui.

Vale ressaltar que os informantes desse grupo apontaram que *experiências prévias com o ensino de inglês como língua estrangeira, interações passadas com brasileiros falando inglês e conhecimento de fonética e fonologia* ajudaram a contornar os desvios fonológicos inibidores da inteligibilidade.

A seguir, observa-se os dados referentes ao Grupo 2. Novamente os aspectos segmentais se mostraram mais influentes no grau de inteligibilidade das interações entre americanos e brasileiros do que aspectos supra-segmentais.

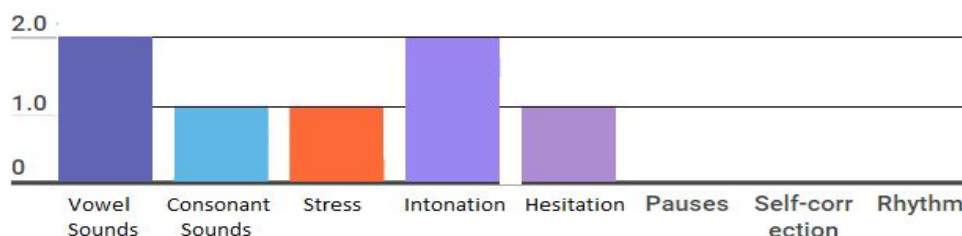
Gráfico 2: Assistentes de Ensino Americanos falantes de espanhol como língua estrangeira



O Grupo 2 é o grupo composto pelo maior número de participantes. Semelhantemente aos dados do Grupo 1, nota-se que os itens que dizem respeito aos aspectos segmentais da língua foram mais lembrados do que aqueles que dizem respeito a aspectos supra-segmentais. Dos 13 informantes, 9 indicaram sons vocálicos ou consonantais como problemáticos nas interações com brasileiros. Dentre os exemplos dados destaca-se: (i) produção da líquida palatal vozeada /r/ como fricativa glotal [h], em *Ma[h]oon 5* para o alvo *Ma[r]oon 5*, (ii) produção da fricativa dental /θ/ como plosiva alveolar /t/, em *tree [tri:]* para o alvo *three [θri:]*, (iii) produção de vogal anterior alta relaxada /ɪ/ como vogal anterior alta tensa /i:/, como em *b[i:]tch* para a forma alvo *bɪtch* e (iv) produção de vogal interconsonantal em verbos com o morfema “-ed”, como em *reser[vɪd]* para a forma alvo *reser/vd/*.

Finalmente, observa-se os dados do terceiro grupo, ilustrados a partir do gráfico 3.

Gráfico 3: Assistentes de Ensino Americanos falantes de português como língua estrangeira



O Grupo 3, composto por dois ETAs falantes de português como língua estrangeira, apresentou resultado similar aos Grupos 1 e 2 no que diz respeito ao papel da produção adequada de sons vocálicos e consonantais para elevar o grau de inteligibilidade das interações. Diferentemente dos resultados anteriores, no entanto, o item *intonação* também foi destacado como relevante pelos informantes do desse grupo.

No entanto, quando solicitados a relembrar situações em que a inteligibilidade foi afetada em uma comunicação em língua inglesa com brasileiros, apenas desvios na produção de sons vocálicos foram apontados, como (i) produção da vogal frontal baixa [æ] no lugar da vogal frontal média /e/, no nome próprio P[e]t para o alvo P/ae/t, assim como produção da vogal frontal média /e/ ao invés da vogal frontal baixa [æ], como em m[æ]ss para a forma alvo m/e/ss e (ii) produção da vogal anterior alta relaxada /ɪ/ como vogal anterior alta tensa /i:/, como em ch[i:]k para a forma alvo ch/I/k.

4. CONCLUSÕES

Apesar das diferenças que poderiam surgir por conta das línguas estrangeiras faladas pelos informantes, nota-se que se estabeleceu um padrão independente da separação por grupos. Em geral, os informantes selecionaram majoritariamente aos aspectos segmentais como os que afetam a inteligibilidade e a compreensibilidade em detrimento dos aspectos suprasegmentais. Também vale ressaltar que dentre a seleção feita pelos informantes, embora o item de *sons vocálicos* tenha sido o mais marcado no questionário de múltipla escolha, os *sons consonantais* se fizeram mais presentes quando os informantes foram solicitados a recordar exemplos de situações em que a inteligibilidade foi ferida em interações com brasileiros.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERCROMBIE, D. **Problems and principles in language study**. London: Longman, 1956.
- Derwing, T. M.; Munro, M. J. Accent, intelligibility, and comprehensibility. **Studies in Second Language Acquisition**, 19. p. 1-16, 1997.
- Derwing, T. M.; Munro, M. J.; Thomson, R. I. A longitudinal study of ESL learners' fluency and comprehensibility development. **Applied Linguistics**, 29(3), p. 359-380, 2007.
- Zimmer, M.; ALVES, U. K. (2006). A produção dos aspectos fonéticos/fonológicos da L2: instrução explícita e conexãoismo. **Linguagem & Ensino**, v. 9, n. 2, p. 145-175.